



Fundado no Sesquicentenário
da Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO
SUL

EDIÇÃO COMEMORATIVA
DOS VINTE ANOS DO IHTRGS

Ano 2006

Nr 32

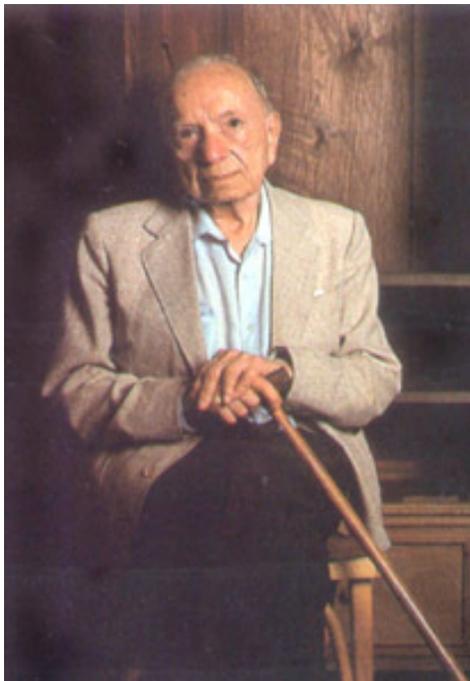


O ESPÍRITO MILITAR DO POETA MÁRIO QUINTANA



O COMBATE DE PORONGOS

UM ASSUNTO QUE JÁ HAVIA
TRANSITADO EM JULGADO
NO TRIBUNAL DA HISTÓRIA
DA REVOLUÇÃO
FARROUPILHA



O poeta Mário Quintana estudou como interno no Colégio Militar de Porto Alegre, onde foi Cabo de Esquadra de Infantaria do Batalhão Colegial e depois soldado voluntário do atual 7º Batalhão de Infantaria Blindado, de Santa Cruz do Sul, para participar da vitória da Revolução de 30 e de sua consolidação na Capital Federal. Em sua infância, em Alegrete, e adolescência no Colégio Militar de Porto Alegre (1919-23), vivenciou as fortes emoções das revoluções de 1893, 1923 e 24, que envolveram e tiveram forte impacto em Alegrete, bem como as histórias de seu heróico avô, o Capitão Médico do Exército Cândido Manoel de Oliveira Quintana, herói da Retirada de Laguna na Guerra do Paraguai e tronco da família Quintana em Alegrete. Perguntado qual o epitáfio que teria sido ideal para si o poeta respondeu:

"Morreu heroicamente em ação, ao comando do Marquês de Caxias, na conquista da Ponte de Itororó, em 6 de dezembro de 1868".

Cel Cláudio Moreira Bento
Presidente da AHIMTB e do IHTRGS

O COMBATE DE PORONGOS – UM ASSUNTO QUE JÁ HAVIA TRANSITADO EM JULGADO NO TRIBUNAL DA HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Cel Cláudio Moreira Bento(X)

Tem dominado a Mídia contemporânea no Rio Grande do Sul, a tese de que Davi Canabarro traiu os guerreiros negros, infantess e lanceiros negros farrapos, no Combate de Porongos. Tese baseada em um ofício forjicado, num quadro de guerra psicológica e que alguns escritores rio-grandenses equivocadamente afirmam que o Barão de Caxias teria enviado ao guerrilheiro imperial Ten Cel GN Francisco Pedro de Abreu (Chico Pedro ou Moringue) do qual, salvo melhor juízo, pioneiramente, ensaiamos a biografia em **Porto Alegre – memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias**, Brasília: IHTRGS/EGGCF, 1989, com apoio, em parte, em abordagem do General Souza Docca e no magnífico **Campos Realengos**, do falecido historiador Raul Pont, que foi membro do IHTRGS.

Abordagens estas sem o direito de resposta, ou do contraditório, que nos foi negado, predominando a tese de traição de Canabarro, tão celebrada, a ponto do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Regional do RGS, sediado no Solar que pertenceu ao Conde de Porto Alegre, haver organizado um Concurso para um monumento em Porongos. Falsa tese que até se projetou no magnífico Programa Globo Rural, ao este abordar o combate de Porongos, na série de excelentes reportagens sobre Tropeirismo de Mulas. Tese citada que na obra a seguir, por um equívoco de seu autor, sem mencionar a obra e o local onde eu teria afirmado ser ela procedente ou verdade histórica. Possivelmente por haver lido ou escutado alguém insistente em colocar na minha pena palavras que eu disse e que não escrevi. Minha tese, que reproduzo ao final, é inteiramente contrária àquela que o historiador José Machado Leal em seu livro, que muito apreciei: **Rio Grande do Sul - história e tradições** (Porto Alegre: Evangraf, 2006) afirmou como minha opinião, à página 65:

“Segundo Cláudio Moreira Bento, a página que mais envergonha a história rio-grandense é a traição de Porongos, quando a tropa fora desarmada por ordem do comando alegando suspeita de traição...”

Página mais vergonhosa foi o massacre por degola de inermes republicanos por federalistas em Rio Negro na Revolução de 93 e o massacre, depois, de federalistas inermes por republicanos, em Boi Preto, na mesma Revolução. Agora, o membro-efetivo da Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara, da AHIMTB no Rio Grande do Sul, o historiador César Pires Machado, em plaqueta: **Canabarro em Porongos – diversas abordagens** (Porto Alegre: Est Edições, 2006), lançado em reunião da AHIMTB/IHTRGS em 21 de junho de 2006 no Colégio Militar de Porto Alegre, rebateu a falsa tese de traição, com precisão inquestionável, com o apoio em Alfredo Ferreira Rodrigues (1898-1901), Alfredo Varela (1889 e 1933), Walter Spalding (1934), Othelo Rosa (1935), Fernando Luiz Osório (1935), General Augusto Tasso Fragoso (1938), Ten Cel Henrique Oscar Wiedersphan, General Morivalde Calvet Fagundes (1984), Ivo Caggiani (1992),

Moacyr Flores (2004), Raul K. M. Carrion. E, a nosso pedido, deixou de fora nossas opiniões, que a seguir reapresento. Ele inicia a sua introdução escrevendo: “As rivalidades estabelecidas entre as lideranças republicanas, a exaustão dos recursos por endividamento interno e externo e irrepreensível insatisfação popular, com a continuação da revolução que já durava quase 10 anos, eram alguns acontecimentos que vinham prenunciando o epílogo da Revolução”.

Foi nesta fase, e logo depois do insucesso na conquista de São José do Norte, ao que nos parece, foi que entraram em cena “os demônios de todas as revoluções”, um bando confuso atrás de um responsável. E o eleito foi Davi Canabarro. E o General Morivalde Calvet Fagundes, sobrinho do General Souza Docca, assim definiu os demônios das revoluções, com base num autor estrangeiro cujo nome não lembrou com segurança:

“Toda a ação revolucionária carrega em seu bojo os elementos da sua própria destruição, como sejam as contradições, as insatisfações, os desejos divergentes, as ambições incontroláveis, a calúnia, a inveja etc”.

E este quadro, penso, havia se instalado no seio da Revolução Farroupilha, ao ponto de ser transferido para Canabarro, por seu reconhecido valor militar, o Comando do Exército, sendo antes obrigado a ingressar na Maçonaria, como o comprovou seu biógrafo e parente Ivo Caggiani em seu livro “**Canabarro**”. E a carta forjicada, ou forjada por Chico Pedro de Abreu, visava minar o comando de Canabarro, para o indispor com os farroupilhas, pelo mesmo ser considerado o único, no momento, capaz de liderar, como consumado guerrilheiro gaúcho, a reação farrapa. E cumpriu o seu papel.

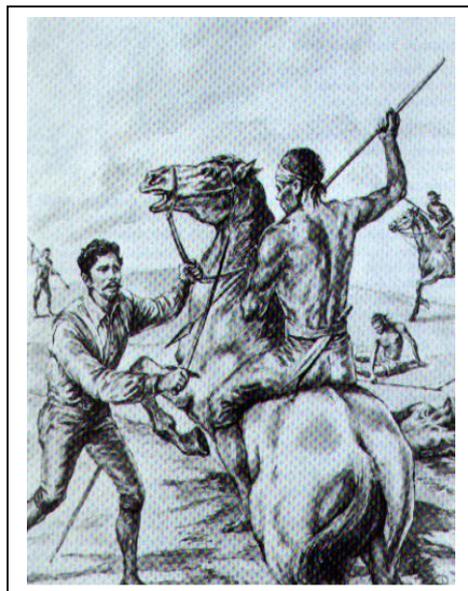
César Pires Machado baseia a sua tese, da não traição de Canabarro, nas declarações de Alfredo Ferreira Rodrigues no seu **Almanaque** de 1901, com as quais, em 1933, Alfredo Varela concordou em sua extensa obra **História da Grande Revolução** – por convencido da inocência de Davi Canabarro. Historiadores contemporâneos não atentaram para isto. Ou não quiseram, segundo o autor César.

Estes dois autores, por si só, justificam a inocência de Davi Canabarro, que historiadores gaúchos contemporâneos insistem, na falsa tese de traição de Canabarro, o que contaminou e dominou grande parte do Rio Grande do Sul, a ponto de se inaugurar um monumento aos Lanceiros Negros em Porongos, em Pinheiro Machado, no contexto de uma manipulação da História, acusada por alguns de ideológica! Lanceiros Negros que começamos a exaltar em 1971 em nosso livro **A Grande Festa dos Lanceiros** (Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971), obra que aborda a inauguração do Parque [Histórico Marechal Luiz Osório](#) onde, motivado pela presença ali de réplica do lanchão farroupilha Seival, tratamos da participação dos **Lanceiros** na República Juliana e nesta, entre seus participantes, do canguçuense Cel Joaquim Teixeira Nunes em “Um lanceiro republicano farrapo e os seus comandados” e “Os Lanceiros negros farrapos e a Abolição”, etc.

Ao estudá-los, à luz da Arte e Ciência Militar achamos, na sua forma de atuação, uma solução originalíssima, como uma forma hoje reservada a ataques de blindados. E continuamos estudando e divulgando a sua atuação que visava, de lança em punho, consolidar suas liberdades nos campos de batalha.

Em 1972, como adjunto da Presidência da Comissão de História do Exército do seu Estado-Maior, participamos da elaboração da **História do Exército Brasileiro—perfil militar de um povo** (Rio de Janeiro, EME, 1972, 3v), onde sugerimos uma homenagem aos bravos lanceiros negros gaúchos, os quais, por sua resistência a todo o custo salvaram, em Porongos, sob a liderança do Cel Joaquim Teixeira Nunes, à causa da Revolução Farrroupilha, possibilitando que ela continuasse até a paz honrosa de Dom Pedrito. E pedi à minha senhora que fizesse alegoria sobre a resistência dos lanceiros negros em Porongos, sob a liderança de seu comandante Cel Joaquim Teixeira Nunes. Alegoria que foi publicada no volume 2 da citada **História do Exército**, página 478, com a seguinte legenda:

“Neste encontro, os lanceiros negros farrapos, ao comando de Teixeira Nunes, salvaram o Exército Farrapo do desastre total e juncaram o campo de batalha com 80 mortos”.



O próximo passo foi abordá-los em nossos livros, premiados no Biênio da Colonização e Inspeção do RGS em 1975:

- **Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS, 1635-1879** (Porto Alegre: A Nação S.A. / Instituto Estadual do Livro, 1975): 2º lugar;

- **O Negro e descendentes na Sociedade do RGS, 1635-1975** (Porto Alegre: Grafosul /IEL, 1975): 1º lugar, e 1º prêmio em Concurso Nacional.

Livros ora reproduzidos e distribuídos, em fascículos, pela Universidade de Caxias do Sul por iniciativa do ilustre acadêmico da AHIMTB professor Mário Gardelin, membro efetivo do IHTRGS. Este último foi prefaciado, a nosso convite, pelo ilustríssimo afro-brasileiro Deputado Carlos Santos, que chegou a governar interinamente o Rio Grande do Sul, de igual forma que o líder farrapo afro-brasileiro Cel José Mariano de Mattos, como o ilustre afro-brasileiro Alceu Colares governou o Rio Grande por eleição. Mais tarde, em artigo, em Fev1993, p. 10 do **Diário Oficial – Leitura**, de São Paulo, o escritor Mário Maestri, que tem defendido a traição de Canabarro em Porongos, destacou que nosso livro, ao lado da obra do sociólogo Fernando Henrique Cardoso eram os dois melhores trabalhos sobre o negro no RGS.

Em 1983 produzimos **Canguçu, reencontro com a História - Um exemplo de reconstituição de memória comunitária** (Porto Alegre: IEL, 1983), com prefácio de Luiz Carlos Barbosa Lessa, o filósofo do tradicionalismo gaúcho, no qual biografamos o Cel Joaquim Teixeira Nunes e o Ten Farroupilha Manoel Alves Caldeira que foram: o comandante do Corpo de Lanceiros Negros e o porta-bandeira do mesmo corpo no vitorioso combate de Rio Pardo, em 30 de abril de 1838, sobre o qual, nos seus 150 anos, em Encontro do IHTRGS, em Rio Pardo, lançamos plaqueta intitulada **Sesquicentenário do combate de Rio Pardo** (Rio de Janeiro: IHTRGS,1988). Trabalho que se constituiu numa análise pioneira do mesmo, à luz de fundamentos e princípios da Arte Militar. Trabalho reproduzido no segundo volume de nosso **O Exército farrapo e os seus chefes**, junto com o combate do Seival com o mesmo enfoque. Obra a abordar adiante.

E hoje Teixeira Nunes, considerado pelo General Tasso Fragoso como a maior lança farrapa, e mais o Ten farrapo Caldeira, foram consagrados como patronos de cadeiras da Academia Canguçuense de História. O primeiro, por natural de Canguçu e o segundo, natural de Cerrito e por haver residido em Canguçu depois da Revolução Farroupilha, onde fundou no interior um Clube Republicano. E ali ele escreveria suas **Memórias** sobre a Revolução Farroupilha e publicadas em parte pela **Revista do IHGRS** em 1921, usadas por diversos historiadores pioneiros desta Revolução: Alcides Mendonça Lima, Alfredo Ferreira Rodrigues, Alfredo Varela e Piratinino de Almeida. No meu caso, tirei real proveito de suas análises judiciosas sobre o verdadeiro perfil dos líderes militares farrapos no citado **O Exército Farrapo e os seus chefes**.

Em 20 de setembro de 1985, no sesquicentenário do início da Revolução Farroupilha, lançamos edição especial do evento, bastante ilustrada no **Diário Popular** de Pelotas, que fez a seguinte chamada: *“Uma edição para ficar na História. Guarde-a para seus filhos ou netos, lembrando o ano 2035. Edição com 23 páginas com 50 ilustrações”*.

Em 10 de setembro de 1986, centenário do combate de Seival, fundamos em memorável e concorrida cerimônia, no auditório da Escola Técnica Federal em

Pelotas, o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), com a finalidade *“de levar a efeito mutirão permanente, visando a preservação, a pesquisa, o culto e a difusão, com a maior penetração popular, da história, tradições e folclore do Decênio Heróico, com o concurso governamental, de empresários, comunidade em geral, historiadores, tradicionalistas e folcloristas rio-grandenses”*.

E isto ele vem realizando há 20 anos, através de encontros em municípios gaúchos, e agora divulgando seus trabalhos através de seu informativo **O Gaúcho**, mas sem apoio da mídia gaúcha, a não ser do jornal **Tradição**, ao tempo do saudoso e incansável tradicionalista Edson Otto, e mais, do **Diário Popular** de Pelotas, ao tempo de Clayr Rocheford e ainda do **Platéia** de Sant’ana do Livramento, ao tempo de Ivo Caggiani. Os três, membros-efetivos do IHTRGS, lamentavelmente falecidos.

Em 1988, no centenário da Abolição, participamos de um concurso literário, promovido pela Biblioteca do Exército sob o título **O Exército e a Abolição**. Tiramos o primeiro lugar e nosso trabalho foi publicado na revista **A Defesa Nacional**, com destaque na sua capa e em seu nº 738, Jul/Ago 1988, às p. 7/30. Sobre o referido trabalho, proferimos palestra no IHGB, em 20 de abril de 1988, no contexto do Simpósio promovido sobre a Abolição. Recordo que a seção foi presidida pelo General Edmundo de Macedo Soares, então historiador, e que fora o construtor da CSN em Volta Redonda, e desta cidade. Foi a sua última aparição pública pouco antes de falecer.

Dentre as nossas sete conclusões sobre o tema reproduzimos as seguintes:
1ª - Que a contribuição do negro e seus descendentes foi maciça, marcante e efetiva no campo militar, para ajudar a integrar os brasileiros num país de dimensões continentais, cristão, e talvez a maior democracia racial, em que pese detectar-se, vez por outra, sem justificação científica, manchas de preconceito, de discriminação racial e até de racismo.

2ª - Que apesar das manchas mencionadas, a situação do Brasil é invejável, a concluir-se de Arnold Toynbee que foi considerado o maior historiador ocidental. Em **A Sociedade do Futuro** ele escreveu:

“A meu ver, o sentimento racial é uma ameaça à paz mundial e um obstáculo à unidade da humanidade. No entanto, espero que o resto do mundo veja o exemplo do Brasil, México, Paquistão e Havaí e venha a abandonar este preconceito em relação às diferenças raciais”.

Foi neste contexto que a contribuição militar dos lanceiros negros farrapos foi efetiva para uma paz honrosa e para a projeção da República Rio-Grandense na nossa centenária República Brasileira.

E com apoio em Henrique Oscar Wiedersphan em **O Convênio de Ponche Verde**.(Porto Alegre: IEL, 1979), a 5ª conclusão:

5ª - Que o Duque de Caxias, atual patrono do Exército e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, é um destacado pioneiro abolicionista. Isto por haver assegurado a liberdade, ao final da Revolução Farroupilha, por sua conta e risco,

contrariando instruções superiores, a 120 lanceiros. Ação que Caxias praticou 43 anos da Lei Áurea.

Durante todo este tempo não havia ressurgido a falsa tese da traição de Canabarro em Porongos. E, caso tivesse havido traição, desmorraria o orgulho nativista pela Revolução, por estarem presentes naquele episódio várias outras lideranças farrapas que seriam co-responsáveis pela traição e não são citadas.

Foi em 1991 que publicamos a obra **o Exército Farrapo e os seus chefes**. (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991. 2v). Baseamo-nos, em grande parte, em dados inéditos colhidos nos 12 preciosos volumes dos **Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**. Nele evocamos, com maiores dados, lideranças farrapas esquecidas, como os já citados Cel Teixeira Nunes, Ten Manoel Alves da Silva Caldeira e Cel Joaquim Pedro Soares, este veterano nas lutas contra Napoleão na Península Ibérica, o qual, em realidade, foi quem dispôs as tropas em Seival para o jovem de 33 anos, Antonio de Souza Netto. E foi quem sugeriu, organizou e comandou inicialmente os Lanceiros Negros em Seival. Batalha esta vencida pela Brigada Liberal de Netto, que resultou da transformação do Batalhão da Guarda Nacional do amplo e novel município de Piratini. Brigada constituída de ¼ de guardas nacionais do Piratini -sede, ¼ do distrito de Canguçu, ¼ do distrito de Cerrito e ¼ do distrito de Bagé (até o Piraí). Distritos que se tornaram os atuais municípios de mesmo nome. História é verdade e justiça. Esta é a verdade histórica!

Ao final estudamos, à luz dos fundamentos da Arte Militar e pioneiramente as vitórias farrapas de Seival e Rio Pardo onde brilharam os lanceiros negros. Em 1994 abordamos o assunto na **História da 3ª Região Militar – 1808-1889 e Antecedentes** (Porto Alegre: 3ª RM, 1994).

Em 2003 publicamos a obra **Caxias e a Unidade Nacional** (Porto Alegre: AHIMTB, Metrópole, 2003), em comemoração aos 200 anos de Caxias, patrono do Exército e da nossa Academia e que presidiu o Rio Grande do Sul por duas vezes, onde realizou administração memorável estudada por Walter Spalding e Moacyr Flores e que reproduzimos e ampliamos no citado **Porto Alegre - memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias**.

Em **Caxias e a Unidade Nacional** tratamos destes assuntos sobre os lanceiros negros farrapos e consideramos Caxias pioneiro abolicionista, 43 anos antes da Lei Áurea. Isto por haver Caxias, segundo Wiedersphan em seu **Convênio de Ponche Verde**, assegurado a liberdade aos escravos que haviam lutado em troca de sua liberdade no Exército Farrapo e os incorporados como livres à Cavalaria Ligeira do Exército destacada no Rio Grande do Sul. Abolição, vale lembrar, provocada pelo Clube Militar sob a liderança do Marechal Deodoro da Fonseca, há pouco egresso da Presidência do Rio Grande do Sul, onde liderou a Questão Militar, e por protestar pelo uso do Exército como capitão-de-mato. Mas os efeitos “dos demônios das revoluções” mencionados no início, com apoio na carta forjada por Chico Pedro, intrigando Canabarro com os farrapos, numa bem sucedida operação de guerra psicológica, como hoje seria classificada, continuaram

atuando até hoje, inclusive como instrumento de manipulação político-ideológica, diminuindo a grande projeção da contribuição do negro na Revolução, transformando-os de admiráveis heróis guerreiros ou de Suíços da América a miseráveis explorados. Com isto não concordamos. Heróis guerreiros, foi o que concluímos ao escrevermos no nosso livro, citado, **O Negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul**. Livro em retribuição a um gesto nobre do Deputado Carlos Santos, que foi o único parlamentar gaúcho a deixar o seu lugar e vir ao meu encontro me cumprimentar pelo 2º lugar que obtive com meu livro **Hipólito da Costa - O Gaúcho fundador da Imprensa Brasileira**, em concurso promovido pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e Associação Rio Grandense de Imprensa (ARI). Livro ora publicado com o patrocínio da FHE-POUPEX, sob a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, e lançado na ARI. Estudando as **Memórias** de Chico Pedro publicadas na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RGS**, em 1921, nada ele refere à traição de Canabarro, quando poderia tê-la confirmado, se ela tivesse realmente ocorrido, conforme abordamos no já citado **Porto Alegre – memória dos sítios farrapos e da Administração de Caxias**.

Durante a Guerra do Uruguai (1864) e início da Guerra do Paraguai, enquanto o Exército havia se internado no Uruguai, o comando da fronteira gaúcha com o Uruguai ficou a cargo de tropas locais improvisadas mobilizadas por Chico Pedro, e a fronteira com a Argentina por tropas locais improvisadas mobilizadas por Canabarro. E de costas um para o outro estavam dois inimigos desde a intriga de Porongos, mas ambos admiráveis como os maiores especialistas em Guerra à gaúcha, junto com Bento Manoel Ribeiro.

Nesta fase, Canabarro foi vítima de outra grande injustiça, por não ter impedido que invasores paraguaios penetrassem por São Borja e atingissem, sem nenhuma reação de sua parte, Uruguaiana. Era então vítima de “uma guerra de alfinetes”, que não era a sua praia.

Esta estratégia ele já havia usado em 1841 contra o General Manoel Jorge, que saiu a campo com o Exército para com ele travar uma batalha campal e chegou ao destino destituído do comando, com enorme número de deserções, uma quantidade de doentes, falta de cavalos, etc. Enfim, um grande desgaste de sua tropa, ao percorrer o Rio Grande como um pneu, rodando de um lado para outro sem nada encontrar. Em resumo, um fracasso militar!

E Canabarro tentou realizar isto com Caxias. Pois no comando do Exército Farrapo durante 16 meses ele foi perseguido pelo Barão de Caxias, que tinha como subordinados, em duas frentes, Chico Pedro, com sua base de operações na atual cidade de Canguçu, e Bento Manoel na fronteira com o Uruguai. O Barão de Caxias perseguiu Canabarro por 38 léguas, por toda a fronteira sudoeste, sem conseguir encontrá-lo e obrigá-lo a um combate.

O Tenente Caldeira, que o acusou de traição em Porongos, por ouvir dizer, e vítima da intriga de Chico Pedro, assim traçou o perfil militar de Canabarro, que registramos ao biografá-lo no citado **Exército farrapo e seus chefes.v.1**

“Canabarro foi o general mais severo da revolução. Mantinha ordem e boa disciplina nas forças que comandava. Era um general muito arrojado. Não era ilustrado, porém era muito perspicaz, enérgico e muito audaz. Era muito respeitado. O inimigo sempre o considerava bom guerreiro. Marchava com denodo na frente de Caxias, sem que este bravo general conseguisse batê-lo em campo raso. Ele possuía a melhor gente da fronteira com ele”.

Mais adiante Caldeira referiu: “Canabarro era um homem de caráter muito severo. Era valente a toda a prova e muito perspicaz. Durante a revolução nunca foi derrotado. Somente em Porongos perdeu parte da tropa que comandava”. Quando Caxias estava em seu encalço ele mais severo se tornou. Chegava a dizer aos oficiais faltosos, caso repetissem faltas, que ele lhes dava duas alternativas, prisão ou liberdade de desertar para Caxias, e apontava para o acampamento imperial. Era homem de poucas palavras e positivo. Sua vontade era de ferro”.

Garibaldi, o herói de dois mundos afirmou: “Canabarro era rude na aparência, mas de excelente coração”.



Antônio Vicente da Fontoura assim depôs sobre Canabarro: “Ele era laborioso, ativo, e enérgico, prevendo as marchas e os planos do inimigo e suprindo a nudez e provação do soldado. Em marcha, ora num flanco ora no outro, ou à retaguarda, e logo à frente, fazendo conservar a ordem dos esquadrões e a regularidade das colunas, infundindo ao soldado enregelado pelo frio um novo brio (moral) e uma audácia, mesmo no rigor da estação no inverno”.

O Monsenhor Pinto de Campos, um dos primeiros biógrafos de Caxias, escreveu: “Havia incontestavelmente em Canabarro talento guerreiro, auxiliado por muita energia, decisão e concepção militar variada e vasta. Era um Proteu, revestindo-se de mil formas e imaginando constante e sucessivamente novos ardis“. E por isto era muito respeitado, como militar, por Caxias.

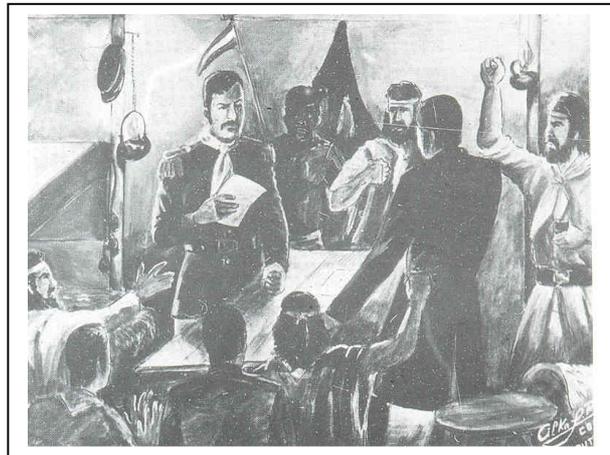
Como um homem com este perfil iria trair seus homens em Porongos? Como um general deste nível, pouco depois da surpresa de Porongos, se apresentaria à luta com um Exército de 1.000 homens?

Enfim, a sua inocência foi comprovada em 1901 por Francisco Ferreira Rodrigues, e transitou em julgado na obra **A Grande Revolução**, de Alfredo Varela, em 1931 (Porto Alegre: Liv. Globo, 1933. 1ª ed). Creio que foram os historiadores que mais se aprofundaram na pesquisa e divulgação do Decênio Heróico.

Desde menino, na escola, e depois Brasil afora, ouvíamos a sua consagração patriótica por haver assim respondido, segundo a tradição ao Ditador Argentino que lhe ofereceu apoio em sua luta contra o Império em momento difícil para os farrapos:

“Recusamos sua proposta! Com o sangue do primeiro argentino que ousar atravessar a nossa fronteira assinaremos a Paz com o Império”.

Atitude que procuramos melhor divulgar com uma alegoria, a seguir, que fizemos publicar em **O Exército Farrapos e os seus chefes** e na **História da 3ª Região Militar. v.1.**



Achamos **A Casa das Sete Mulheres** um grande sucesso, e que ora esta sendo reprisada, mas uma fantasia notável, que conservou a espinha dorsal da Revolução. E, creio, tenhamos cooperado indiretamente com ela, através do ator Douglas Simon, que representou nela, com dignidade, o personagem Cel Joaquim Teixeira Nunes. Fomos por ele procurados, por conhecer pela Internet, que havíamos escrito sobre o personagem. E lhe fornecemos o máximo de subsídios sobre o seu personagem e seus bravos lanceiros negros farrapos que, com satisfação, os vi representados na mini-série. Lamentamos, como historiador, que busca na História Verdade e Justiça, as figuras caricatas e desmoralizantes que a mini-série apresentou dos generais Bento Manoel Ribeiro e Davi Canabarro, dois heróis da Integridade, da Soberania e da Unidade do Brasil no Sul, os quais são linchados profissional e moralmente. Os descendentes de ambos se sentiram humilhados com o desrespeito à memória manipulada de ambos, sem amparo nas fontes confiáveis da História do Rio Grande do Sul, em especial a de Bento Manoel Ribeiro, o maior general da Revolução Farroupilha. General que foi defendido da condenação popular injusta pelo grande brasileiro Osvaldo Aranha, cujos argumentos reproduzimos, ao sintetizar biografia de Bento Manuel no livro **O Exército Farrapo e os seus chefes** v.1, às p.124,125, com apoio em seu artigo “A Revolução de 35 e a Unidade Nacional”, na revista **Província de São Pedro**, nº 5 , às p 10/12. Razões de defesa que poderão melhor ser apreciadas em nosso

livro, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, **História da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada Charrua**, sediada em Uruguaiana, em fase final de elaboração.

E a injustiça contra ele e contra Canabarro, de traição aos seus soldados negros, se repetiu na fita de Vídeo **A Ferro e Fogo – a Saga das guerras e revoluções do Rio Grande do Sul**, na interpretação de um professor universitário gaúcho afro-descendente, com o qual procuramos dialogar, sem sucesso. E no memorial do Rio Grande do Sul, na antiga Agência de Correios de Porto Alegre, encontra-se exposta, como verdadeira, uma cópia da carta forjicada, realizando o seu grande papel manipulador da verdade histórica, na cabeça desavisada dos visitantes. Carta que foi incluída, com dúvidas, na obra **Ofícios do Barão de Caxias na Revolução Farroupilha**, editado pelo Exército. Ofício cujo teor e estilo contrastam com os dos outros ofícios.

Estes desencontros históricos dão razão a estas palavras, inscritas num painel no Museu da República, próximo do quarto onde o presidente Getulio Vargas decidiu o seu fim:

“Ser o passado comparável a uma enorme planície onde correm dois rios. Um reto e de margens bem definidas, que é o rio da **História**. Esta, fruto da razão e da análise isenta das fontes históricas autênticas, fidedignas e íntegras, à luz de fundamentos de crítica escolhidos.

O outro é um rio cheio de curvas e meandros e de margens indefinidas e inseguras e, por vezes, com perigosos alagamentos. Este é o rio do **Mito**. E este, fruto das paixões humanas, das fantasias, da ignorância, das vinganças, da calúnia, das manipulações, das deformações, dos preconceitos e da injustiça, etc”.

Esta injustiça conquistou foros de verdade dentro do princípio “de que uma mentira, de tanto ser repetida, transforma-se em verdade”. E isto me faz lembrar a calúnia como um saco de penas jogados ao vento, que será impossível juntá-las todas. São lamentáveis as conseqüências, por mascarar e confundir nos gaúchos a real identidade e perspectiva histórica do Rio Grande do Sul que, aos poucos, vai deixando de ser “o recanto da tradição e querência amada, pelas vitoriosas manipulações de sua verdadeira História e Tradições. É lamentável!

A seguir, nosso trabalho, que não foi acolhido por um jornal gaúcho, que não menciono, negando-me o direito de resposta ou de contraditório, à falsa tese de traição de Canabarro em Porongos. Isto não é Liberdade de Imprensa. Apelo que os jornalistas gaúchos, orgulhosos de sua relevante função social de bem informar, meditem nesta questão, não invadam a função social do historiador e ajudem a evitar que o Rio Grande do Sul se transforme, no tocante à sua Memória Histórica, uma nau sem rumo à deriva na tempestade, que não sabe aonde está, de onde veio e para onde vai. Apelo que sabemos inútil, mas que tinha de ser feito.

Transcrição de matéria a seguir.

OS SOLDADOS NEGROS FARRAPOS NA SURPRESA DE PORONGOS E NO CONVÊNIO DE PONCHE VERDE

Cláudio Moreira Bento(x)

Em 16Nov2004, a Mídia do Rio Grande do Sul, através, principalmente, do jornal **Correio do Povo**, deu amparo, sem o contraditório, a interpretações históricas "revisionistas" radicais, apresentando Davi Canabarro como traidor dos negros farrapos de Infantaria e Cavalaria, na Surpresa de Porongos. Isto "por se deixar surpreender, mediante acerto com o Barão de Caxias". Surpresa feita pelo famoso guerrilheiro imperial Chico Pedro ou Moringue, futuro Barão de Jacuí", com vistas a matar os índios, mulatos e negros farrapos que poderiam prejudicar o processo de paz em curso. "Vejam que absurdo histórico criminoso"!

Henrique Oscar Wiedersphan, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) e hoje patrono de cadeira na Academia Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), em seu livro, original e pioneiro, **O Convênio de Ponche Verde**. (Porto Alegre: EST/Sulina/Universidade de Caxias do Sul, 1980), escreveu:

"A respeito desta surpresa de Porongos há uma série de coincidências que chegariam a atingir Canabarro, ao ponto de que suscitaria sérias suspeitas de haver sido o mesmo executado em conluio dele com o Barão de Caxias e até com Antônio Vicente de Fontoura, embora se tenha posteriormente conseguido desfazer tais suspeitas de modo cabal e definitivo".

E a base da acusação foi um ofício bem forjicado (falsificado) por Chico Pedro, como sendo assinado pelo Barão de Caxias para ele, no qual este lhe ordenava que atacasse Canabarro, pois este não resistiria, conforme combinação entre ambos. E mais, que ele aproveitasse "para atacar e eliminar os mulatos, negros e índios farrapos e poupasse sangue branco".

E esta falsidade, atribuída a Canabarro, fez o efeito esperado entre os farrapos, num quadro de Guerra Psicológica, os quais em parte passaram a considerá-lo um traidor, até por interesse político escuso e como descarrego ou fuga de responsabilidades pelo insucesso militar da revolução, que seria colocado assim na conta de Canabarro, "pelos demônios de todas as revoluções" segundo Morivalde Calvet Fagundes, o autor do mais completo livro sobre o Decênio Heróico. Ou seja, perto do fim do fracasso de uma revolução, ocorre a caça de um bode expiatório, e no caso em tela foi eleito Canabarro.

E o ofício falsificado, que tantas injustiças provocou à bravura, à honra e, até hoje, à memória histórica de Canabarro, teve a seguinte origem:

"Chico Pedro, em perseguição a Canabarro, e acampado no Pequeri, falou ao seu Major de Brigada João Machado de Moraes: És capaz de imitar a firma do Barão de Caxias? E ele respondeu: - A letra é boa e talvez eu possa imitar. Então vamos fazer uma intriga contra Canabarro. Pois ele é o único que pode sustentar a Revolução. Portanto, vamos fingir um ofício assinado por Caxias para mim, dizendo que no dia tal eu vá atacar Canabarro e derrotá-lo, visto haver entre o Barão de Caxias e Canabarro e oficiais deste um convênio".

Escrito o ofício com a assinatura de Caxias falsificada Chico Pedro, ao passar em Piratini, pela casa de Manoel Francisco Barbosa, mostrou-lhe o ofício falsificado. E este, republicano extremado, mordeu a isca. E exaltou-se, copiou o dito ofício e o distribuiu. A intriga planejada fez o efeito desejado que até hoje perdura, sem que sejam analisadas as heróicas vidas de Canabarro e Caxias, que negam a capacidade deles fazerem tal acordo, bem como os oficiais subordinados a Canabarro. Mas, Félix de Azambuja Rangel, em seu relato na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, 1º e 2º trimestre de 1928, p. 36-47, comprova a armação feita para abalar a confiança dos farrapos em Canabarro, o comandante de seu Exército, pelo seu grande e indiscutível valor militar como mestre consumado da Guerra à gaúcha, como demonstramos em sua biografia em nosso **O Exército farrapo e os seus chefes** (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992, 2v), onde o estudamos, junto com as demais lideranças militares farrapas, ao lado dos comandantes imperiais e do Barão de Caxias, o pacificador, em D. Pedrito atual, da Revolução Farroupilha e, mais do que isto, da Família Brasileira, há 10 anos em luta fratricida.

Esta histórica controvérsia se presta a dar razões a quem o desejar, de absolver ou condenar Canabarro, partindo de considerar o citado ofício como forjicado ou como verdadeiro. E documentos forjicados como este tem sido comuns na História do Brasil, como **As cartas falsas**, atribuídas ao presidente da República em 1922 e que provocaram a Revolução de 1922. E, hoje, as falsas fotos do jornalista Wladimir Herzog, publicadas pelo **Correio Braziliense**, que provocaram e ainda provocam negativos reflexos na vida nacional, no instituto da Anistia e na harmonia do Governo, sem que o jornalista responsável por esta grande barriga jornalística tenha sido responsabilizado por seu irresponsável e criminoso erro. E isto menciono com a autoridade de quem em 21 de abril de 1972, no início das comemorações do sesquicentenário da Independência escreveu artigo sobre Hipólito José da Costa, o patrono da Imprensa Brasileira que editara o Correio Braziliense na Inglaterra antes da Independência.

Creio que escrevemos pioneiramente sobre os lanceiros negros farrapos interpretando que em Porongos eles salvaram, numa reação a todo o custo, com seu sangue, suas vidas e bravuras à Revolução Farroupilha, impedindo uma rendição incondicional. E assim, deram fôlego à Revolução para que esta conseguisse condições honrosas. Mas outros preferem explorar o episódio como traição aos negros e assim estimular talvez a luta de classes e o baixo astral.

Por falta de apoio na Mídia, que não nos dá oportunidade de resposta ou de um contraditório em busca da verdade para seus desavisados leitores manipulados, abordamos o assunto na Internet, na Mídia Independente e no site GOOGLE, em "A surpresa de Porongos", junto com outros autores como Paulo Bento Bandarra e Luiz Ernani Caminha Giorgis, que procuraram desfazer esta intriga, sem sucesso.

Quanto aos negros no Convênio de Ponche Verde, ou combinação de Ponche Verde, há 43 anos da Lei Áurea, deve-se considerar como premissa básica a afirmação de Ortega y Gasset: "Eu sou eu e as minhas circunstâncias!"

As circunstâncias na época eram de escravidão, apoiada no ordenamento jurídico da Constituição de 1824. E que os farrapos lutaram até onde foi possível para assegurar a liberdade dos negros que lutaram em suas forças e ajudaram no campo de batalha a prolongar a Revolução quase 10 anos. Que Instrução Reservada recebida por Caxias o autorizava a conceder ampla anistia aos farrapos. Mas no seu artigo 5º ela estabelecia que “os escravos que fizeram parte das forças rebeldes serão remetidos a Corte à disposição do Governo Imperial que lhes dará conveniente destino”. E que o Convênio de Ponche Verde estimulava em uma de suas cláusulas:

“São livres e como tal reconhecidos todos os cativos que serviram a Revolta”.

Segundo Henrique Oscar Wiedersphan na sua obra citada:

"Canabarro entregou 120 soldados negros farroupilhas que o Barão de Caxias alforriou (libertou) com apoio no Decreto de 19Nov1938 que prometia liberdade a todos os negros farrapos que desertarem e se apresentarem às autoridades imperiais".

Para Wiedersphan, os lanceiros entregues por Canabarro em Ponche Verde foram incorporados como livres à Cavalaria do Exército no Rio Grande do Sul. Outra versão foi que Caxias os fez embarcar como livres para o Rio de Janeiro com a condição de não mais retornarem ao Rio Grande do Sul. E que, mesmo assim, se pretendeu, no Legislativo do Império, dar última forma a estas alforrias (liberdades) ao chegarem os Lanceiros Negros no Rio de Janeiro, não sendo efetivadas, somente ante o alarde ocorrido no citado Poder Legislativo de parte do alguns dos mais exaltados da bancada liberal".

Acreditamos que estas questões históricas precisam ser aclaradas de vez pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, tendo como base suas preciosas fontes sobre o tema e mais os livros de seus distintos sócios. E isto se impõe, para tentar esclarecer por completo esta controvérsia que envolve as honras do Barão de Caxias, de Davi Canabarro, de Chico Pedro, de Vicente da Fontoura, da oficialidade farroupilha, os quais não depuseram sobre Porongos, e Chico Pedro, que poderia tê-lo feito em suas **Memórias** não o fez. E sobre esta versão de movimento no Congresso para tornar sem efeito as alforrias, ou de traição dos soldados negros remetidos para o Rio, o ilustre senador gaúcho Paulo Paim talvez pudesse conseguir que este fato fosse apurado nos excelentes arquivos históricos do Congresso que eu conheci ao lá tirar um Curso de Arquivologia na Câmara Federal em julho de 1972.

Tem sido uma controvérsia há mais de 160 anos usada politicamente, e na atualidade, até ideologicamente, para alimentar uma luta de classes, baseado num fato que representa uma pretensa, talvez, mancha negra, a confirmar, no meio de uma enorme e bela planície nevada que foi o Decênio Heróico, que consiste na mais bela tradição gaúcha, comemorada anualmente na Semana Farroupilha, e que se projeta na nossa centenária República do Brasil. É sabido que o Marechal Deodoro da Fonseca foi Presidente do Rio Grande do Sul e seu comandante das Armas e que de lá saiu, tendo muito conversado com os

republicanos Júlio de Castilhos e Assis Brasil. Este, o pioneiro na abordagem da Revolução, como hoje ela é cultuada no Rio Grande do Sul. E no Rio, com a assessoria de oficiais gaúchos, que levou do Sul, fundou o Clube Militar em 1887, forçou a Abolição em 1888, ao se manifestar contra o uso do Exército como capitão-de-mato. No ano seguinte proclamou a República.

Escrevemos este artigo com a autoridade que penso havermos adquirido como autor dos livros **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul, 1625-1975** (Porto Alegre: Grafosul/IEL, 1976), **O Exército Farrapo e os seus chefes** (Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1971, 2 v.), **Porto Alegre –memória dos sítios farrapos...**(Brasília: EGGCF, 1989) e como biógrafo do Duque de Caxias na obra **Caxias e a Unidade Nacional** (Porto Alegre: AHIMTB, 2003), etc.

Por oportuno, apelamos à Mídia gaúcha, se isto for possível que, para reforçar a Democracia Brasileira e consagrar na prática o direito de resposta ou o contraditório, que dêem oportunidade à publicação de opiniões discordantes, para que seus usuários formem a opinião correta e não sejam manipulados, por ouvirem só um lado. Aliás, ouvir os dois lados era uma característica da liderança de Canabarro. E mais, que historiadores em geral, especialmente os gaúchos, se apliquem em detalhar os nomes e destinos dos negros farrapos, com base em documentos que devem existir no Senado onde hoje atua com brilho o ilustre senador Paulo Paim que, nos pareceu, endossa a tese de traição, em que pese, como historiador, havermos fornecido elementos a um seu assessor que nos procurou. E que os rio-grandenses afro-descendentes cultuem os feitos dos lanceiros negros e suas projeções heróicas na construção do Rio Grande do Sul, o que levantamos com ênfase em nosso livro **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul**. Livro que foi prefaciado pelo notável deputado negro Carlos Santos, que chegou até a governar os gaúchos como seu governador interino, e que ali falou representando todos os negros e seus descendentes gaúchos. Homem distintíssimo e glória de uma raça que, em cerimônia na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul foi o único a deixar seu lugar e vir nos cumprimentar pela nossa pesquisa premiada em 2º lugar pela citada Assembléia e Associação de Imprensa do RGS. Pesquisa referente ao nosso trabalho em concurso literário por elas promovido, intitulado **O gaúcho fundador da imprensa brasileira** (Hipólito da Costa) publicado em 2005 e lançado no Auditório da Associação de Imprensa do Rio Grande do Sul, comentado pelo jornalista Raul Quevedo, que muito se devotou ao estudo e divulgação da obra de Hipólito da Costa.

Enfim, que os negros gaúchos e seus descendentes não se liguem nas interpretações ideológicas de baixo astral que dominaram as comemorações de Porongos em 2004, potencializadas por parte da Mídia. E sim, que se liguem nas interpretações de alto astral sobre a contribuição do negro e descendentes gaúchos na construção da sociedade do Rio Grande do Sul e, em especial, de sua gloriosa história militar, onde soldados negros chegaram a ser denominados “Os suíços da América”. E por fim que os comunicadores sociais respeitem a

função social do historiador e não tentem substituí-los, como não desejariam, e conseguiram, que outros, não pertencentes à sua função social, roubem este seu papel. Aliás, condição que conquistaram com a nossa participação acidental em 1968, ao encaminhar pleito na Rádio Mundial Rio de um grupo de jornalistas ao Ministro do Trabalho Jarbas Gonçalves Passarinho, que o submeteu ao Presidente Arthur da Costa e Silva, que prontamente o aprovou, com fortes reações de empresas de Mídia. E mais, que assegurem o contraditório, dando vez e voz aos historiadores, não os esmagando e os alijando da Mídia, coerente com as afirmações de que "a História é a mestra da vida e a mestra das mestras". E mais, que História é verdade e Justiça. Do contrário, estarão acelerando uma marcha ré de volta à Idade Média, sob um autoritarismo preconceituoso disfarçado com pele de Democracia. Creio que meu apelo não será ouvido e atendido, mas o registro para a História, para que alguém um dia o perceba. História é Verdade e justiça, características fundamentais para preservar a identidade e perspectiva histórica do Rio Grande do Sul e, no caso, do Brasil República, para a qual os lanceiros negros contribuíram com seu sangue, vidas, privações e humilhações durante a Revolução Farroupilha.

Nota: O **Jornal Inconfidência** nº 98, dedicado aos 203 anos do Duque de Caxias, em trecho de mensagem intitulada "A nossos leitores" faz o seguinte diagnóstico desta situação de manipulação da História do Brasil que, ao que parece, se verifica neste caso do Combate de Porongos:

"A História de uma nação é um bem por demais precioso, a ser preservado a todo o custo e cultuada permanentemente. Não podemos permitir que esta Memória, conquistada com o sangue, e o sacrifício de seus heróis, seja profanada e deturpada por interesses ideológicos alienígenas e pela falta de ética de historiadores, políticos e jornalistas, enganando seus leitores, alunos e ouvintes, quanto aos fatos ocorridos e registrados em documentos oficiais fidedignos, íntegros e autênticos".

Situação que aos poucos vai se revertendo, e mais o seria, se a Mídia fosse em realidade fiel à Liberdade de Imprensa, ou uma rua de duas mãos, assegurando o direito de resposta ou do contraditório.

(x) Fundador e Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, do Instituto de História e Tradições do RGS e das academias Piratiniense e Canguçuense de História, correspondente do CIPEL, IHGRGS, IHGPel, Instituto Histórico de São Leopoldo e o de São Luiz Gonzaga, etc.

O ESPÍRITO MILITAR NO POETA MÁRIO QUINTANA

Cláudio Moreira Bento

Pouco conhecidas e divulgadas são as ligações do poeta Mário Quintana com a vida militar e a influência desta em seu espírito e em sua vida.

Ele era neto do Capitão Médico Cândido Manoel de Oliveira Quintana, herói da Retirada de Laguna, na Guerra do Paraguai, e chefe do Serviço de Saúde da tropa que participou daquela épica operação militar. Ele e o Capitão Médico Dr. Manoel de Aragão Gesteira, ao lado do qual foram depositados seus restos mortais no Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados, na Praia Vermelha, no Rio, foram os dois heróis que resistiram até o fim da Retirada, dos 12 médicos que iniciaram aquela operação militar, imortalizada internacionalmente, em francês, na pena de Alfredo de Taunay. Eles prestaram desvelada e comovente assistência aos coléricos da coluna. Coluna da qual participou como artilheiro o porto alegreense João Thomaz Cantuária, ilustrado soldado que comandou a 3ª Região Militar em 1896 com a missão de consolidar a Paz de 93 firmada em Pelotas. Foi Ministro da Guerra a seguir. Em 1898 foi o primeiro Chefe do Estado-Maior do Exército, órgão criado pelo filho de Bagé Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet como Ministro da Guerra, e filho do heróico Marechal Emílio Mallet, patrono da Artilharia do Exército. O marechal Cantuária é denominação histórica da 6ª Região Militar, por iniciativa do Gen Div João Carlos Rotta quando comandante daquela região, o qual como comandante da 3ª Região Militar teve a iniciativa de criar e nos encarregar de desenvolver o Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul que já conta com 13 livros publicados. Entre eles, merece destaque a História da 3ª Região Militar, criada junto com o atual Estado do Rio Grande do Sul em 1807 e que completarão em 2007, 200 anos de existência.

Terminada a Guerra, o Capitão Manoel Quintana chegou em Alegrete incorporado ao 3º Regimento de Cavalaria, Unidade Militar que, terminada a Guerra do Paraguai, lá permaneceu até 1876 e que, por transformações, fusões e denominações posteriores, aquartelado em Jaguarão, resultou no atual Regimento Osório, de Porto Alegre. O Dr. Quintana passou a residir e a trabalhar na Enfermaria Militar de Alegrete, ali vivendo até falecer, onde deixou sua descendência e, nela, o hoje seu neto famoso Mário Quintana.

O General Alberto Martins da Silva biografou o Capitão Quintana em seu livro Cândido Manoel de Oliveira Quintana (Brasília: Thesaurus Ed. 2002), resumindo na 4ª capa a projeção, a seguir, do heróico avô do poeta Mário Quintana:



“O Capitão médico Cândido Mariano de Oliveira Quintana, herói da retirada da Laguna, nascido no Rio de Janeiro, no ano de 1829, foi integrante da Coluna Expedicionária formada para combater a invasão paraguaia de Mato Grosso, participando da famosa Retirada da Laguna. Enfrentou, na longa caminhada, a fome, as doenças e a falta de medicamentos, com coragem, estoicismo e

patriotismo. Na vida civil radicou-se em Alegrete, tendo sido o tronco de grande família que ali construiu. Hoje seu restos mortais repousam no monumento aos Heróis de Laguna e Dourados, na cidade do Rio de Janeiro”.

Mário Quintana nasceu em 1906, cerca de 18 anos depois do falecimento de seu heróico avô. E muito aprendeu sobre o avô com o seu pai farmacêutico, que também o alfabetizou usando como cartilha o jornal Correio do Povo.

E foi influenciado pelas histórias de seu heróico avô na Retirada da Laguna, na Guerra do Paraguai, e mais as da Revolução de 93 em Alegrete, como a Batalha de Inhanduí e a tomada e incêndio da ponte do Ibirapuitã. Nesta época, dos 13 aos 19 anos, de 1919 ao início de 1924, adolescente, o poeta Mário Quintana cursou, como interno contribuinte, o Colégio Militar de Porto Alegre, no Casarão da Várzea.

E ali acompanhou o desenvolvimento de um período revolucionário, as revoluções de 1922, 1923 e 1924, com fortes repercussões no Corpo de Alunos, e que envolveram, como a de 93, mais duas vezes, expressivamente, seu berço natal: Alegrete. Revolução que, neste particular, bem como a citada de 93, abordamos em nosso livro em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis – História da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Charrua. (Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS/Metrópole, 2006), o 13º volume do Projeto História do Exército da Região Sul, que estávamos desenvolvendo desde 1994.

Foi no Colégio Militar de Porto Alegre que o poeta iniciou sua carreira literária como colaborador de sua histórica revista Hyloea.

E no Colégio Militar de Porto Alegre ficaram os seguintes registros burocráticos de sua passagem por ali, em sua adolescência, segundo dados fornecidos pelo Museu Casarão da Várzea, através do Cel Araújo e do já citado Cel Caminha, professor de História daquele Colégio Militar.

“Em 1º de abril de 1919, satisfeitas as exigências regulamentares, Mário Miranda Quintana foi incluído no Colégio Militar de Porto Alegre como aluno interno contribuinte e classificado no 1º ano. Em Dezembro, nos exames finais, foi aprovado plenamente: com grau 8 em Francês, grau 7 em Português, grau 6 em Aritmética, e simplesmente com grau 5 em Geografia e Desenho, tudo do primeiro ano. Nos exames práticos foi aprovado plenamente com grau 7 em Ginástica (hoje Educação Física) e simplesmente com grau 4 em Infantaria. Em 1º de abril de 1920, foi transferido da 1ª Companhia para a 2ª, por conveniência do serviço. Em 20 de abril foi promovido a cabo de Esquadra de Infantaria, para o Batalhão Colegial. Em dezembro, nos exames finais foi reprovado em Desenho e aprovado simplesmente com grau 4 em Português e Aritmética e Geografia. Em 1921, nos exames de 2ª época, foi reprovado em Desenho. Em setembro, a pedido de seu pai, Celso de Oliveira Quintana, foi desligado do Colégio Militar. Em abril de 1922 foi reincluído como aluno interno contribuinte. Em dezembro, nos exames finais, foi reprovado em Álgebra e Geografia e aprovado plenamente com grau 4 em Aritmética, plenamente com grau 7 em Português e com grau 8 em Francês. Em março de 1923, nos exames de 2ª época, foi reprovado em

Álgebra e aprovado simplesmente com grau 5 em Geografia. Em dezembro, nos exames finais, foi reprovado em Álgebra do 3º ano. Em 28 de janeiro de 1924 foi desligado do Colégio Militar de Porto Alegre, conforme pedido de seu correspondente.”

Foram seus contemporâneos de 1919 a 1923 no Colégio Militar dois presidentes da República, Ernesto Geisel e Emílio Garrastazu Médici, e um vice-presidente, Adalberto Pereira dos Santos.

Um pouco antes de ele ingressar no Colégio Militar ali se formaram os futuros presidentes Arthur da Costa e Silva e Humberto de Alencar Castelo Branco. O presidente Eurico Gaspar Dutra estudou um ano no Casarão da Várzea, ao tempo em que ali funcionou a Escola de Guerra. O presidente Getúlio Vargas não estudou no Casarão da Várzea e sim em Rio Pardo na Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo, na virada do século 19 para o século 20, conforme abordamos no livro **Escolas Militares de Rio Pardo 1856/1911**. (Porto Alegre; AHIMTB/IHTRGS. Metrópole, 2005), porém ali serviu como Praça no 25º BI, após ter sido desligado daquela Escola. Obra em parceria com o citado historiador Cel Caminha. Nele desfizemos dúvidas relacionadas com o injusto desligamento de Getúlio Vargas daquela Escola, junto com outros 19 companheiros, por culpa da atuação de um inábil e imprudente instrutor, cuja ação levou a serem punidos 100 cadetes dos 200 da Escola. Instrutor assim julgado por antigos alunos que atingiram os mais altos postos e projeção no Exército, como os marechais Mascarenhas de Moraes, Pantaleão Pessoa e César Obino, os dois últimos também punidos. Mascarenhas de Moraes, já havia ido para a Escola da Praia Vermelha e Pantaleão Pessoa pertencia a outra companhia que não foi envolvida no incidente.

Mário Quintana foi obrigado por motivos de saúde a desligar-se do Colégio Militar em janeiro de 1924. Em 1930 surgiu-lhe nova oportunidade de retornar à vida militar. Apresentou-se como voluntário no 7º Batalhão de Caçadores, atual 7º Batalhão de Infantaria Blindado - Batalhão Gomes Carneiro, Santa Cruz do Sul, que se encontrava em Porto Alegre em 3 de outubro de 1930, atendendo ao apelo “O Rio Grande de pé pelo Brasil!”. E seguiu para o Rio de Janeiro, via ferroviária, para apoiar a derrubada do presidente Washington Luiz e a consolidação da Revolução de 30 na capital federal.

Na capital, permaneceu por cerca de 6 meses como soldado da Revolução de 30, retornando em 1931, onde retomou, em Porto Alegre, a sua consagrada carreira de poeta.

Em 1978 ele retornou ao Rio de Janeiro representando a sua família nos atos de traslado de seu heróico avô de Alegrete para o Rio de Janeiro, onde nascera, e para ser colocado, com pompa e circunstância, no Monumento dos Heróis da Laguna, na Praça General Tibúrcio na Praia Vermelha.

Na ocasião fez entrega às autoridades que organizaram a cerimônia, de toda a documentação militar do avô, conservada com orgulho por sua descendência.

E o poeta acompanhou todo o cerimonial de traslado desde Alegrete, passando por Porto Alegre e até o Rio de Janeiro, a bordo de um avião da FAB.

E se hospedou com toda a Comissão encarregada do trabalho no Hotel do Clube Militar na Lagoa, tendo mencionado que possuía grande orgulho da participação do avô na Retirada da Laguna, mas que até então desconhecia a sua consagração pelo Exército Brasileiro com um de seus heróis.



Na foto, da esquerda para a direita, o terceiro é o poeta Mário Quintana, representando a sua família no traslado de seu avô, herói da Retirada da Laguna, cuja urna com seus restos mortais estão à frente do Gen Ex José Pinto, presidente da cerimônia e comandante do I Exército, atual Comando Militar do Leste. No fundo, dos 4 oficiais, o segundo é o historiador do Serviço de Saúde do Exército, Alberto Martins da Silva, então major médico e hoje general

e acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) que inaugurou na AHIMTB, cadeira do acadêmico da ABL e seu co-estaduano da Paraíba Gen Ex Aurélio de Lyra Tavares.

O traslado contou com todo o apoio da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, no comando do General Ivan de Souza Mendes e foi idealizada, planejada e conduzida pelo Major Médico Dr. Alberto Martins, aluno daquela Escola de Altos Estudos Militares e hoje General Alberto Martins da Silva, o historiador do Serviço de Saúde do Exército e acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), onde ocupa a cadeira General Aurélio de Lyra Tavares. Este, foi Ministro do Exército, embaixador do Brasil na França e acadêmico da Academia Brasileira de Letras (ABL) e que, certa feita, foi visitado pelo poeta em campanha para ingressar na citada ABL.

E contou-nos o acadêmico General Lyra Tavares que ele recebeu o poeta com imensa satisfação. E que na ocasião sua senhora, filha de Cachoeira do Sul, preparou-se para receber o poeta com um café e um prato de sonhos, tradição gaúcha. E ao passar o prato de sonhos ao poeta ele se saiu com esta tirada: - “Muito obrigado, minha senhora. Como eu, um poeta, poderia comer sonhos? Seria um sacrilégio?”

Mas o poeta não foi aceito pela Academia Brasileira de Letras, circunstância que teria lhe provocado a seguinte reação. -”Eles passarão! Eu, passarinho!”. Em realidade é indiscutível a merecida fama do poeta passarinho, em comparação com as dos que se opuseram ao seu ingresso na ABL.

De seus contatos com a vida militar por cinco anos como aluno do Casarão da Várzea, como soldado de Infantaria voluntário na Revolução de 30, das

influências das histórias de seu avô na Retirada da Laguna e das revoluções de 93, 23 e 24 que envolveram Alegrete, e ainda a de 30, em que foi soldado voluntário, conclui-se de seu espírito militar, sintetizado nesta sua afirmação (abaixo), ao lhe ser perguntado qual o epitáfio que gostaria de ver gravado em seu túmulo, ao que teria respondido:

“Mário Quintana”

“Tombou heróicamente em combate, ao comando do Marquês de Caxias, na conquista da Ponte de Itororó, em 6 de dezembro de 1868”.

(x) Cel Cláudio Moreira Bento, natural de Canguçu-RS, fundador e presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), do Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS) e das academias Canguçuense (ACANDHIS) e Piratiniense (ACAPIR) de História, e correspondente do CIPEL. End: Rua Florença, 266 - Casa da Palmeira Imperial. Bairro Jardim das Rosas - 27.580-000, Itatiaia, RJ. E-mail: ahimtbrasil@resenet.com.br

DELEGACIA DA AHIMTB PARA O RIO GRANDE DO SUL – DELEGACIA GENERAL
RINALDO PEREIRA DA CÂMARA

1. Relação de membros

- Dr. Aécio César Beltrão (Médico), Cel Altino Berthier Brasil, Major BM André Luiz Woloszyn, Capitão BM Aroldo Medina, ST Reformado Carlos Fontes, Cel Carlos José Sampaio Malan, Gen Carlos Patrício Freitas Pereira, Jornalista Carmen Lúcia Ferreira da Silva, Cel Celso Jaloto, Dr. César Pires Machado (Agrônomo), Cel Edmir Mármora Júnior, Dr. Eduardo Cunha Müller (Advogado), Cel Ernani Medaglia Muniz Tavares, Dr. Flávio Anastácio de Oliveira Camargo (Agrônomo), Cel Flávio Martins Pinto, Dr. Florisbal de Souza Del’Olmo (Dentista), Dr. Frederico Euclides Aranha (Advogado), Cel Geraldo Lauro Marques, Major Dentista Reformado Hélio Ricardo Alves, Cel Ivo Benfatto, Dr. Jorge Babot Miranda (Economista), Dr. José Carlos Teixeira Giorgis (Advogado, Desembargador aposentado), Veterano da FEB José Conrado de Souza, Cel Juvêncio Saldanha Lemos, Bacharel em História Srta. Katy de Siqueira, Cel Leonardo Roberto Carvalho de Araújo, Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, ST Reformado Osório Santana Figueiredo, Dr. Paulo Gilberto Fagundes Visentini (Cientista Político, Professor da UFRGS), Cel Pedro Paulo Cantalice Estigarríbia, Cel Ruy Collares Machado, Sgt Sandro Camargo.

2. Diretoria

- Coordenador: Cel Caminha;
- Secretário: Dr. Flávio Camargo;
- Tesoureiro: Cel Araújo;
- Arquivista: Cel Flávio;
- Bibliotecário: Cel Caminha.